

Da memória à tela: registros de histórias de vida e repertórios de mestras da tradição oral de Feira de Santana/Bahia

From memory to screen: record of life stories and repertoires of oral tradition masters from Feira de Santana/Bahia

Dee Mercês*

Universidade Estadual de Feira de Santana

Luciene Souza Santos**

Universidade Estadual de Feira de Santana

*Graduando em Letras: português e espanhol pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e bolsista de iniciação científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

**Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/PROGEL).

Resumo: A presente discussão visa compartilhar os resultados da pesquisa de iniciação científica intitulada *Da memória para a tela: registro de histórias de vida e repertórios dos mestres de tradição do interior da Bahia* e que se articula à pesquisa-macro intitulada *Cacimbas de Histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia*, apresentada no Redemoinho de Saberes: Jornada de Pesquisa em Narração de Histórias, realizado em novembro de 2021. Muitas vezes, o conceito de “Cultura” está ligado somente aos saberes eruditos, cultos, letrados, às pessoas que possuem determinados conhecimentos que abrangem os domínios humanos. Cria-se com essa perspectiva um afastamento entre os saberes desenvolvidos na Academia e os saberes provenientes da Cultura Popular, ou seja, do povo — esse grupo de pessoas com costumes, histórias e tradições em comum. Nesse sentido, objetivamos investigar as histórias de vida e os repertórios de contos orais de mestras da tradição oral da cidade de Feira de Santana, no interior da Bahia, por meio de entrevistas narrativas, a fim de viabilizar uma aproximação entre a Universidade (com seus saberes científicos) e essas pessoas (com seus costumes, tradições e conhecimentos empíricos). A partir da referida ação, sistematizamos as suas memórias em um acervo digital de livre acesso, por meio da criação de um site, onde estão hospedadas as entrevistas narrativas estruturadas por nós e por toda a equipe de pesquisadoras em seus registros audiovisuais e refletimos sobre como é possível promover um intercâmbio de saberes a partir da constituição desse acervo. A pesquisa está baseada na metodologia (auto) biográfica, pois as narrativas das mestras da tradição oral são os dados analisados para investigar suas histórias de vida, e fundamentada em bibliografia específica, como Roque de Barros Laraia (1986); Belmira Oliveira Bueno (2002); Marco Haurélio (2011); Matthew MacDonald (2013); Luciene Souza Santos & Keu Apoema (2018).

Palavras-chave: Mestras da Tradição Oral; Contos de Tradição Oral; (Auto) biografia; Memórias; Vídeos.

Abstract: The actual discussion aims at sharing the results of a scientific initiation research entitled "From memory to screen: record of life stories and repertoires of tradition masters from Bahia's countryside", which is articulated to the macro-research named "Cacimba de Histórias: lives and knowledge of traditional storytellers from cities in Bahia's countryside", presented at Redemoinho de Saberes: Journey of Research in Storytelling, held on November 2021. The concept of "Culture" is often linked only to the erudite, cultured, literate knowledge, to people who have certain knowledge that encompasses human domains. With this perspective, a gap is created between the knowledge developed in the Academy and the knowledge that comes from Popular Culture, that is, from the folk - that group of people who have customs, stories and traditions in common. In this sense, we aim to investigate the life stories and the repertoires of oral tales from oral tradition masters of Feira de Santana city, in Bahia's countryside, through narrative interviews, in order to facilitate an approach between the University (with its scientific knowledge) and these people (with their customs, traditions and empiric knowledge). From this action, we systematized their memories in a digital collection of free access, through the creation of a website, where the narrative interviews structured by us and by the team of researchers in their audiovisual records are hosted, and we reflect on how it is possible to promote the exchange of knowledge from the constitution of this collection. The research is based on the (auto)biographical methodology, since the narratives of the masters of oral tradition are the data analyzed to investigate their life stories, based on specific bibliography, such as Roque de Barros Laraia (1986); Belmira Oliveira Bueno (2002); Marco Haurélio (2011); Matthew MacDonald (2013); Luciene Souza Santos & Keu Apoema (2018).

Key-words: Masters of Oral Tradition; Tales of Oral Tradition; (Auto)biography; Memories; Videos.

Recebido em 31 de agosto de 2022

Aprovado em 18 de fevereiro de 2023

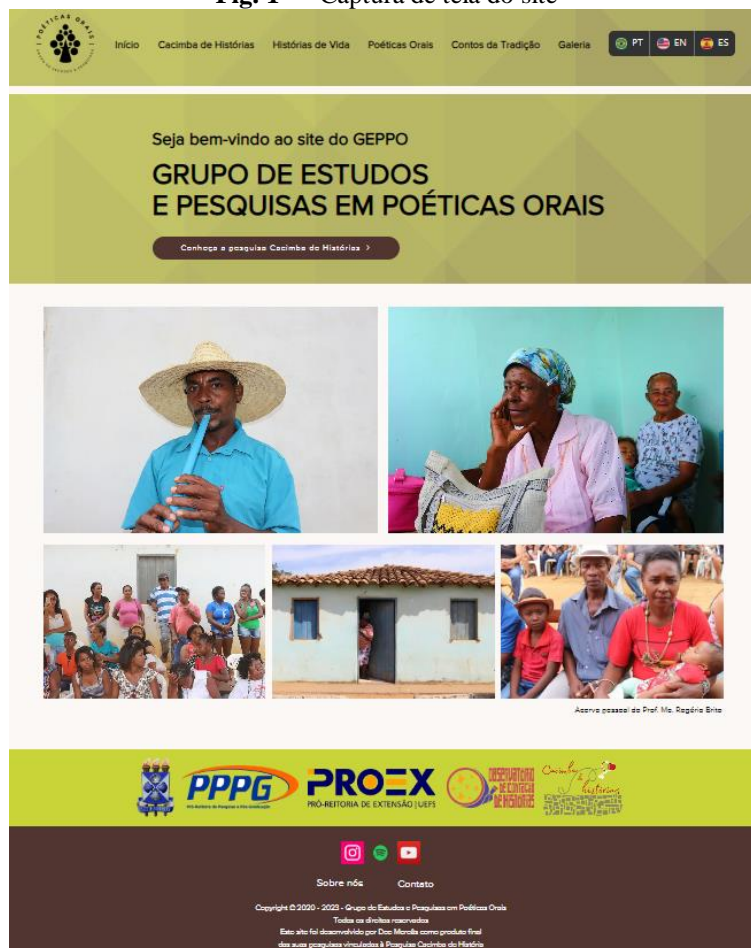
MERCÊS, Dee. SANTOS, Luciene Souza. Da memória à tela: registros de histórias de vida e repertórios de mestras da tradição oral de Feira de Santana/Bahia. *Léguas & Meia*, Brasil, v. 14, n. 2, p. 35-49, 2022.

1 A PESQUISA CIENTÍFICA “CACIMBA DE HISTÓRIAS” E SEU ACERVO DIGITAL DE LIVRE ACESSO

O presente artigo científico articula-se ao projeto de pesquisa *Cacimba de Histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia* e pretende apresentar os resultados dos laços estreitados entre a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e as mestras da tradição oral de Feira de Santana/Bahia, Dona Zeni e Lourdes Santana, por meio de entrevistas narrativas que visam salvaguardar as memórias e os repertórios de contos da tradição oral dessas mestras.

O referido projeto culminou na criação de um site que hospeda essas e outras entrevistas realizadas por toda a equipe de pesquisadoras do Grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Oraís (GEPO) em seus registros audiovisuais e funciona como um acervo digital de livre acesso. Esse sítio eletrônico, também chamado de endereço eletrônico ou site, forma um conjunto de informações disponíveis na internet que é, atualmente, um dos principais veículos de comunicação do mundo.

Fig. 1 — Captura de tela do site



Fonte: GEPO (2023)¹

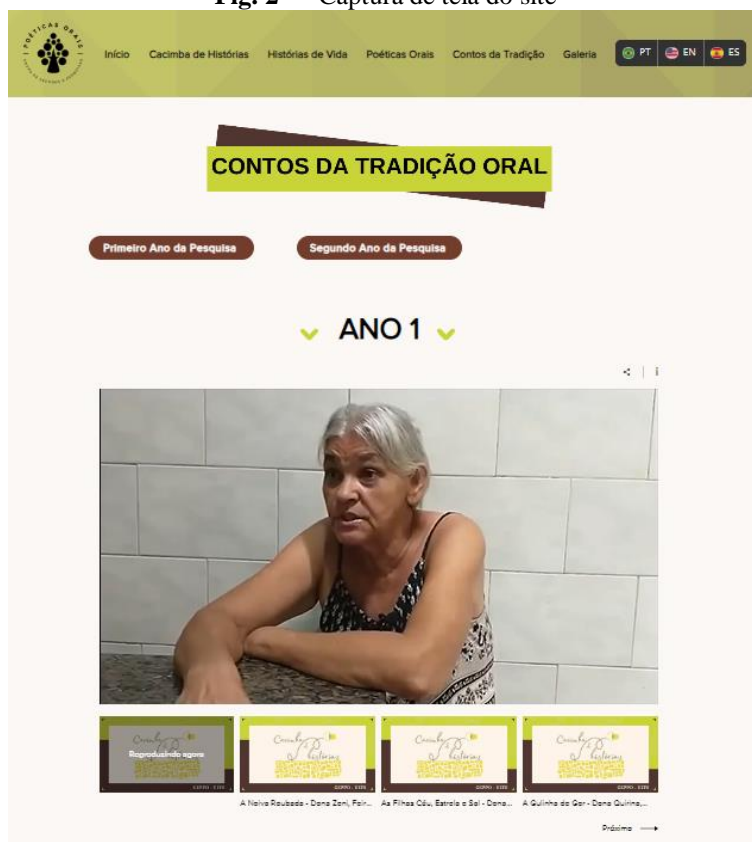
¹ Disponível em: <<https://geppouefs.wixsite.com/uefs>>. Acesso em 20 de janeiro de 2023.

Conforme apresentado na figura 1, é possível ver a página inicial do site do GEPPPO, que contém seu logotipo, menu horizontal, opção de tradução para as línguas espanhola e inglesa, além de uma mensagem de boas-vindas, imagens do acervo pessoal do professor mestre Rogério Brito, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e integrante da pesquisa Cacimba de Histórias, etc.

Alguns sites funcionam como banco de dados que catalogam registros, podendo incluir áudios, vídeos e imagens, além de permitir efetuar buscas. O acervo digital de livre acesso, exemplo de site, é um espaço virtual centralizado onde se armazena, organiza, mantém e difunde conhecimentos, frequentemente arquivos informáticos, que podem conter desde um grupo de dados de determinado *software* a trabalhos acadêmico-científicos.

Visto que esse espaço virtual possibilita o armazenamento e acesso de vídeos por meio da rede mundial de computadores (WWW — Internet), o site tornou-se uma possibilidade de salvaguardar as memórias das mestras da tradição oral participantes da pesquisa. Nesse acervo digital de livre acesso constam os vídeos com os contos da tradição oral narrados por Dona Zeni durante a entrevista narrativa, bem como as suas histórias de vida e as de Lourdes Santana.

Fig. 2 — Captura de tela do site



Fonte: Acervo do GEPPPO (2023)²

Conforme apresentado na figura 2, é possível ver a página “Contos da Tradição Oral” do site do GEPPPO, onde estão disponibilizados os contos da tradição oral, registrados em audiovisual e recolhidos por toda a equipe de pesquisadoras do GEPPPO,

² Disponível em: <<https://geppouefs.wixsite.com/uefs/videos>>. Acesso em 20 de janeiro de 2023.

no interior da Bahia. A página também mostra dois botões que direcionam para os vídeos do primeiro e segundo ano da pesquisa.

Como dizia Laraia (1986, p. 69), “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desconstruídas das coisas”. Assim, muitas vezes, o conceito de cultura continua associado aos saberes eruditos, letrados, às pessoas que possuem determinados conhecimentos que abrangem os domínios humanos.

A coleta de contos narrados por Dona Zeni e Lourdes Santana, assim como os registros das suas histórias de vida, proporcionaram a organização de um repositório digital que confirma e exhibe a viabilidade do vínculo entre os saberes acadêmicos e os saberes da cultura popular, isto é, do povo — esse grupo de pessoas com costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições, enfim, com uma cultura em comum.

De acordo com Santos e Apoema (2018), as narrativas orais da criação do mundo, também conhecidas como “mitos de criação”, são consideradas as primeiras idealizações que o homem utilizou e ainda utiliza para explicar a existência do universo e de si próprio. Tais pensamentos foram compartilhados de geração em geração, até chegarem à atualidade. Neste sentido, é a palavra oralizada o objeto da criação de uma memória coletiva (de fatos reais ou imaginários).

Para Bosi (1995), a memória tem a capacidade de atualizar vestígios do passado, ela é o alicerce que dá sentido à vida em uma sociedade fundada, primordialmente, na oralidade. O mesmo acontece com as mestras da tradição oral de Feira de Santana. Salvar as memórias dessas mulheres é manter viva a tradição oral e fortalecer um coletivo de narradoras e narradores orais no interior do estado. Contudo, para que a memória seja salva, é imperioso registrar e armazenar os fatos para o momento atual e para a posteridade.

2 MÉTODO E INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA OUVIR E REGISTRAR AS HISTÓRIAS DE VIDA E REPERTÓRIOS DE CONTOS DA TRADIÇÃO ORAL DE MESTRAS DE FEIRA DE SANTANA

A pesquisa científica de que trata este artigo foi desenvolvida a partir da metodologia (auto) biográfica, tendo em vista o seu instrumento de coleta de dados, isto é, as entrevistas narrativas. Para Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 90), “As entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida”.

Os contos da tradição oral narrados nessas entrevistas foram transcritos, e catalogados conforme Sistema de classificação de Aarne-Thompson (ATU). Além dos vídeos, as transcrições também estão no acervo digital de livre acesso do GEPO. Segundo Rogério Soares (OBSERVATÓRIO DE CONTAÇÃO, 2021), os contos recolhidos podem ser transcritos conforme as categorias de transcrições: *ipsis litteris* (ou *verbatim*, isto é, exatamente nas mesmas palavras) e editada (ou limpa, isto é, com intervenções de quem os transcreve).

A primeira categoria de transcrição é comumente direcionada a um público específico, como as pessoas pesquisadoras da área; enquanto a segunda categoria é direcionada para um público mais geral, como as pessoas leitoras. Neste trabalho, nós adotamos os termos “*ipsis litteris*” e “editada”.

Fig. 3 — Captura de tela do site



Fonte: Transcrições do GEPO (2023)³

Conforme apresentado na figura 3, é possível ver a página “Transcrições” do site do GEPO, onde estão disponibilizados as transcrições *ipsis litteris* e editada de cada entrevista narrativa realizada por toda a sua equipe de pesquisadoras. A página também mostra dois botões que direcionam para as transcrições do primeiro e segundo ano da pesquisa.

Compreender o método científico é essencial para desenvolver uma pesquisa científica de alto padrão. Para Vianna (2001), o método pode ser definido como um conjunto de regras básicas para realizar uma experiência a fim de produzir um novo conhecimento, bem como corrigir e integrar conhecimentos pré-existentes. Contudo, os métodos experimentais utilizados ao longo da história das ciências ignoraram um elemento relevante em várias propostas: a subjetividade.

Quando os métodos tornaram-se indispensáveis para que determinado conteúdo fosse considerado científico, surgiram no início do século XX, pesquisadores de várias áreas do conhecimento que iniciaram um movimento em busca de novos métodos de investigação que considerassem a pessoa e suas histórias de vida.

³ Disponível em: <<https://geppouefs.wixsite.com/uefs/transcricoes>>. Acesso em 20 de janeiro de 2023.

Bueno (2008, p. 16) afirma que “[o] método [auto] biográfico desencadeou importantes embates teóricos no decurso de sua evolução, numa luta contínua pelo reconhecimento de seu estatuto científico enquanto método autônomo de investigação”. Nesse sentido, por um lado ele atendeu às necessidades das pessoas pesquisadoras do século XX; por outro correspondeu às expectativas de se conhecer melhor as histórias de vidas e repertórios do objeto investigado.

No âmbito dos estudos e das pesquisas em poéticas orais é notória a ênfase dada às pessoas contadoras de histórias, mestras e mestres da tradição oral que têm, por vezes, seus saberes ignorados. Suas narrativas, para esta pesquisa, ao contrário, foram extremamente importantes para a investigação tanto das suas histórias de vida quanto dos seus repertórios de contos da tradição oral, registrados através das entrevistas narrativas.

Realizamos tais entrevistas com duas mestras da tradição oral que residem na cidade de Feira de Santana, a saber: Dona Zeni (72), natural do município de Mairi/Bahia, e Lourdes Santana (62), natural de Feira de Santana. Com o instrumento de coleta de dados e do aparato tecnológico indispensável para o registro audiovisual das entrevistas narrativas, buscamos conhecer suas histórias de vida e seus repertórios de contos da tradição oral.

Por se tratar de entrevistas narrativas realizadas em 2021, salientamos que, em obediência aos protocolos de prevenção à covid-19, a entrevista com Lourdes Santana foi realizada de forma remota em ambiente virtual. A entrevista com Dona Zeni foi realizada presencialmente, pois se trata da avó de Dee Mercês — e ambos conviviam na mesma residência.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, nos debruçamos sobre os estudos bibliográficos de obras da área de contação de histórias, como Câmara Cascudo (2004) e Marco Haurélio (2011). Além de autores que falam sobre cultura popular como, Doralice Alcoforado (2008) e Peter Burke (2010). Por fim, buscamos informações sobre tecnologia, referendadas por Matthew MacDonald (2010).

3 HISTÓRIAS DE VIDA E REPERTÓRIOS DE MESTRAS DA TRADIÇÃO ORAL DE FEIRA DE SANTANA

A pesquisa sobre as manifestações da literatura oral foi iniciada no estado da Bahia a partir de João da Silva Campos (1880-1940), baiano, natural de Santo Amaro da Purificação, que era, além de geógrafo e engenheiro, membro de diversas comissões técnicas pela demarcação de terras (cargo que lhe rendeu viagens pela região do Recôncavo baiano e outros Estados).

Segundo Alcoforado (2000), entre 1907 e 1911, o geógrafo recolheu oitenta e um contos — dos quais setenta e cinco eram originários do território baiano — diretamente da versão popular. Antes dele, o médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, Nina Rodrigues (1862-1906), no final do século XIX, utilizou o conto oral para investigar o legado africano nas festas populares brasileiras.

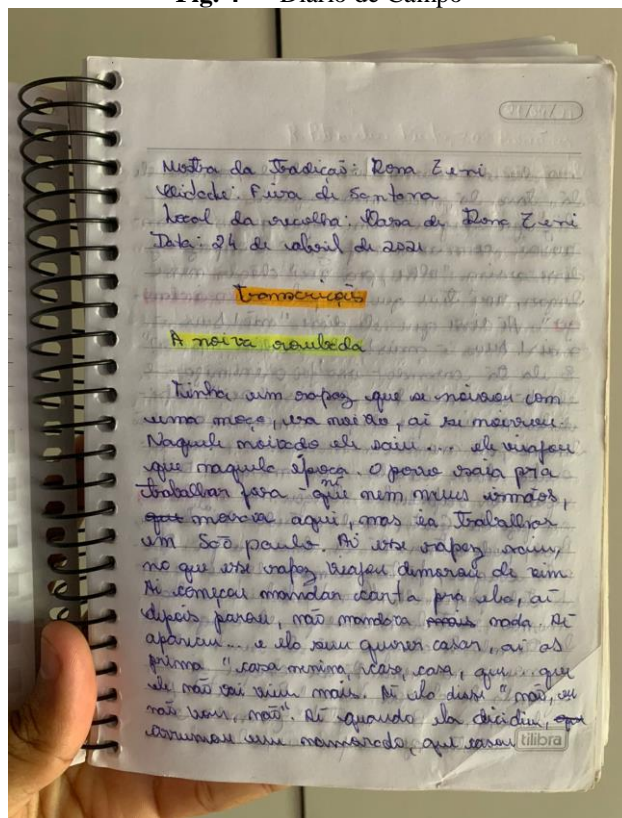
Avançando um pouco mais no tempo, ainda no espaço baiano, mais especificamente no seu ambiente acadêmico, foram localizados outros nomes fundamentais para as pesquisas na área da literatura oral, como José Calazans e Nelson Araújo, ambos professores, o primeiro da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia e o segundo da Escola de Teatro, que realizam importantes pesquisas no interior do estado.

Para Santos e Apoema (2018) parece natural, quase consequente, o uso do termo “literatura oral” quando se trata dos textos orais, que podem também ser nomeados como textos falados ou pronunciados. O conceito geral associado ao termo em questão, foi criado por Paul Sébillot em 1881. A literatura oral é “[...] o que, para o povo que não lê, substitui as produções literárias.” (CASCUDO, 2004, p. 21). Produções literárias hegemônicas, que ocupavam lugares de prestígio na sociedade e que se opuseram à tradição oral das classes populares, salientamos.

Ainda de acordo com Santos e Apoema (2018), a maior característica da cultura popular está na oralidade, conectada por um sentido prático, que é da própria existência humana. Portanto, faz parte da tradição oral das classes populares os textos orais produzidos pelo povo, sendo visto como “[...] natural, simples, analfabeto, instintivo [...]”. (BURKE, 2010, p. 33). Nesse sentido, o conto oral é objeto daquela cultura, sendo sua manifestação a ela mesma pertencente, por vezes tomada de empréstimo para performances, estudos, pesquisas, pela cultura do outro.

Como já dito em outro momento deste texto, para o desenvolvimento da pesquisa, nos interessou a recolha de contos da tradição oral que circulam nas memórias de mestras da tradição oral do interior da Bahia, mais especificamente do município de Feira de Santana.

Fig. 4 — Diário de Campo



Fonte: Elaborada pelo autor (2021)

Conforme apresentado na figura 4, é possível ver uma página do diário de campo com registro de dados relevantes da entrevista narrativa concedida pela mestra da tradição, Dona Zeni, no dia 24 de abril de 2021, no município de Feira de Santana.

Além do método (auto) biográfico e do seu instrumento de coleta de dados, utilizamos, também, o diário de campo. De acordo com Carvalho (2012) ele é uma

ferramenta imprescindível para os registros mais importantes, desde o trajeto da pesquisa aos relatos que surgiram durante a realização das entrevistas narrativas.

As duas entrevistas narrativas realizadas com as mestras da tradição oral, Dona Zeni e Lourdes Santana, respectivamente, partiram de um roteiro de entrevista e foram estabelecidas como conversas corriqueiras, quase informais, para que elas se sentissem confortáveis para narrar suas histórias de vida e as histórias tradicionais.

3.1 Histórias de vida e repertório de contos da tradição oral de Dona Zeni

Zenita Barbosa de Oliveira, preferencialmente Dona Zeni, nasceu no município de Mairi/Bahia. A principal festa popular desse município é católica e gira em torno da padroeira da cidade, Nossa Senhora das Dores, celebrada no dia 15 de setembro, com novena, missa solene, pregação sacra e procissão por algumas ruas da cidade. Por isso ela cresceu católica, brincando no terreiro, ora na casa de seus pais, ora na casa da sua avó paterna, a quem ela carinhosamente chamava de “Iaiá”.

A experiência de ouvir histórias quando era criança rendeu-lhe uma vasta bagagem de histórias de vida e tradições, sendo compartilhadas aos suas três filhas e oito netos. No momento da entrevista narrativa em sua residência, aquelas mesmas histórias foram narradas para nós com muita nostalgia. Nesse momento vimos a concretização do pensamento supracitado de Bueno (2008) no que tange à aplicação do método (auto) biográfico a fim de conhecer melhor as histórias de vida e repertórios do objeto investigado. Neste caso, da pessoa investigada.

Como resultado de pouco mais de uma hora de entrevista narrativa, foram recolhidos causos, contos, cantigas, romances tradicionais e registrada uma história de vida marcada pela tradição oral compartilhada principalmente pelas mulheres da família.

O romance tradicional possui diferentes nomenclaturas como verificado a seguir:

O Romance de Tradição Oral possui diferentes nomenclaturas em distintos países e épocas, na França é conhecido como *complainte*, na Espanha como *romancero*, em Portugal como *romanceiro tradicional*, entre outros. Há aqueles que utilizam o termo *rimance*, para não confundir com o romance da tradição escrita. (COSTA, 2014, p.2).

O historiador literário Paul Zumthor, em seu livro *Introdução à Poesia Oral* (2010), traça as principais características do romance de tradição oral:

[Ela] mescla características épicas, como a extensão breve, a musicalidade melódica, temas históricos – ora impessoais e universais, ora com marcas visivelmente históricas –, personagens que podem suscitar admiração, além do teor didático das canções narrativas. O romance nunca conta uma história completa, reduz-se a um ou dois episódios, com possibilidade de transformação na expressão e no conteúdo. Por isso supõe-se que são narrativas abertas e estão unidas ao processo de memorização e reprodução. (COSTA, 2014 apud ZUMTHOR, 2010, p. 100).

Para exemplificar, apresentamos a seguir a versão editada do romance tradicional *A Menina Enterrada Viva*, narrado por Dona Zeni.

“Era uma vez um casal que tinha uma filha. Um dia a mãe da menina faleceu e o pai se casou com outra mulher. Mas essa mulher é uma madrasta muito ruim para a criança, batia, maltratava muito ela. E o pai precisava sair para trabalhar.

Eles tinham uma roça, e a madrasta obrigava a menina ir trabalhar nessa roça, mas ela não queria. Naquele tempo, quando alguém plantava algo, tinha que acordar muito cedo para ir espantar os passarinhos, para eles não comerem a plantação. A madrasta mandava a criança ir fazer esse trabalho, mas ela não ia. A mulher então batia mais ainda na menina e obrigava ela a ir:

— Você vai sim!

Até que um dia a criança desobedece à madrasta. A mulher, enfurecida com tamanha desobediência, cavou uma cova e enterrou a menina viva. O pai chegou e sentiu falta da filha e perguntou:

— Onde está a minha filha?

A madrasta respondeu:

— Ela não estava me obedecendo, então mandei para a casa dos parentes.

O pai não disse nada. No dia seguinte, quando chegou do trabalho, sentiu falta da filha mais uma vez:

— Onde está a minha filha?

— Ainda não voltou da casa dos parentes.

Como a roça já estava ficando muito grande e sem a menina para fazer o trabalho, o pai disse a um dos empregados:

— Fulano, hoje é você quem vai limpar aquela roça.

O rapaz acatou a ordem do patrão. Quando ele chegou na roça, chamou a sua atenção uma linda touceira de capim — de verde vivíssimo. Mas ele precisava cumprir a tarefa. Ao tentar cortar aquele conjunto de planta, uma voz cantou assim:

Não cortais o meu cabelo
pois a minha mãe penteava
e o meu pai amarravam
mas a madrasta me enterrou
Pelos figos das figueiras
xô, xô, passarinho, xô!

O empregado ficou espantado, pois não sabia de onde aquela voz estava vindo. Chegando em casa, chamou o patrão e disse:

— Meu patrão, eu tenho algo muito interessante para lhe dizer.

— Diga. O que é?

— Venha comigo.

— Não, rapaz. Diga logo o que é.

— Não. Venha comigo para o senhor ouvir, porque eu já ouvi.

Quando eles chegaram diante da touceira de capim, o empregado tentou cortar a planta mais uma vez e mais uma vez a voz cantou:

Não cortais o meu cabelo
pois a minha mãe penteava
e o meu pai amarravam
mas a madrasta me enterrou
Pelos figos das figueiras
xô, xô, passarinho, xô!

Nesse momento o pai da menina começou a tremer e resolveu puxar de vez a touceira de capim e junto veio... a filha! Viva, mas em um estado horripilante. Quando reconheceram a criança, o patrão desmaiou e o empregado terminou de tirá-la de dentro da cova.

Quando o pai recobrou os sentidos, levaram a menina. Ao chegarem em casa, ele chamou a madrasta e disse:

— A minha filha não estava passeando na casa dos parentes. Você a enterrou viva, mas ela não morreu. Agora quem vai morrer é você.

Ele pegou um machado que estava por perto e deu uma machadada na cabeça da mulher.”

Fig. 5 — Dona Zeni narrando o conto *A Menina Enterrada Viva*



Fonte: Compilação elaborada pelo autor (2021)⁴

No início da história, Dona Zeni narra a ausência da mãe, devido à sua morte. Considerando as características supracitadas por Zumthor e analisando alguns aspectos dessa versão desse romance tradicional, relacionamos a morte da mãe com um tema histórico e universal: a mortalidade materna. Desde 1994 foi definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), na 10ª revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), como:

⁴ Montagem elaborada com fotos capturadas durante a narração da história.

A morte de mulheres durante a gestação ou em um período de 42 dias após o término da gravidez, devida a qualquer causa relacionada com ou agravada pela gravidez ou por medidas tomadas em relação a ela, porém não devida a causas acidentais ou incidentais. (EMPRESA BRASILEIRA DE SERVIÇOS HOSPITALARES, 2021).

Viúvo, o pai se casou com outra mulher, que criou a órfã menina. Nesse momento da história surge a personagem da madrasta, que se mostra vilã ao maltratar a criança e obrigá-la a "ir trabalhar na roça". Nesse instante verificamos outro tema impessoal presente nesse romance tradicional: o trabalho infantil. Os poucos episódios narrados não exibem cenas em que a órfã estava inserida em contextos de diversão ou estudos, o que nos permite inferir que ela era privada de momentos fundamentais para o desenvolvimento físico e mental de uma criança.

Outro aspecto analisado dessa versão em questão é a sua musicalidade melódica com teor didático. Enterrada viva, a menina instruía, por meio de canção, ao emprego do pai que não cortasse o seu cabelo, representado pela touceira de capim. Nesse sentido, no verso "Não cortais o meu cabelo", notamos outro elemento que merece ser observado: o apelo em nome de algo que ainda a mantinha conectada às lembranças da sua infância na presença dos pais: o cabelo: este elemento que também possui a função crucial de mantê-la viva debaixo da terra.

Por fim, destacamos o assassinato da madrasta, ocasionado pelo ódio do marido, que, em um ato repugnante de extrema violência doméstica, a matou com um golpe de machado na cabeça. A culpa de ter sido enterrada viva não é da criança (vítima) por não obedecer à mulher casada com seu pai, mas da madrasta que não manteve uma relação afetuosa com a enteada, o que não justifica o seu feminicídio.

Segundo o ATU, essa versão do romance tradicional pertence à classificação dos contos de natureza denunciante, pois tratam de trazer a verdade à tona através de denúncias feitas por elementos da natureza. A denúncia de que a menina estava enterrada viva é feita pela touceira de capim, que canta uma canção, representada pela própria menina. Mas poderia ser classificado como um conto de natureza exemplar, embora não seja um caso edificante, com exemplos a não serem seguidos: a madrasta (mulher) violentar uma criança e o pai (homem) assassinar uma mulher.

Seu código de catalogação é *ATU 780B — O Figueiro da Figueira* (The Speaking Hair). Segundo Rogério Soares (2021), geralmente ele está dividido em quatro partes, a saber: 1) Madrasta (avó, mãe) pede a uma menina para cuidar dos figos de uma figueira; 2) Um pássaro leva um figo e a mulher enterra a menina viva; 3) O seu cabelo transforma-se em erva/salva, que canta quando é cortado, revelando a verdade sobre a menina; 4) A menina é desenterrada. Às vezes isso ocorre por mediação de Nossa Senhora.

O autor Câmara Cascudo também recolheu uma versão desse romance tradicional, que está publicado no livro *Contos Tradicionais do Brasil* (2004), intitulado *A Menina Enterrada Viva* (p. 302), narrado pela mestra Benvenuta de Araújo, de Natal/Rio Grande do Norte. Outro autor que também recolheu outra versão é Marco Haurélio. Essa última está publicada no livro *Contos e Fábulas do Brasil* (2016), intitulada *A madrasta malvada* (p. 100), narrada pela mestra Joana Batista Rocha Ramos, de Igaporã, no interior da Bahia.

Tanto a versão narrada por Dona Zeni quanto as versões recolhidas por Câmara Cascudo e Marco Haurélio representam "A versão brasileira do 'Figueiro da Figueira', popular em Portugal, colhido por Teófilo Braga no Algarve, nº 27." (CASCUDO, 2004, p. 303).

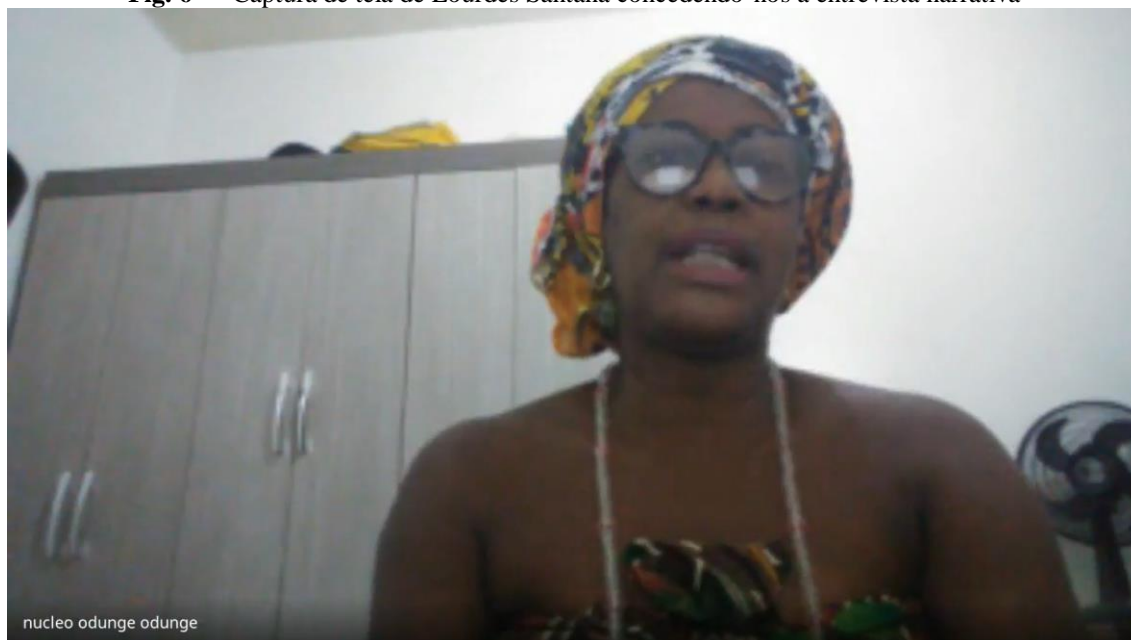
3.2 Histórias de vida e repertório de conto da tradição oral de Lourdes Santana

Maria de Lourdes Souza Santana ou, simplesmente, Lourdes Santana nasceu na Rua Marechal Deodoro no centro do município de Feira de Santana em 1959. Aos 62 anos, ela possui um espírito jovial e dispensa a alcunha de “Dona”, “Senhora”, entre outras. Filha mais velha de pai motorista e mãe merendeira, Lourdes estudou no atual Instituto de Educação Gastão Guimarães, onde concluiu o ensino básico.

Mulher preta, candomblecista e atuante obstinada do movimento negro de Feira de Santana, há muitos anos realiza ações sociais no bairro onde vive atualmente, por meio do Núcleo Cultural Educacional e Social Quilombola Odungê (uma organização ligada à cultura e à arte da cidade).

Conforme apresentado na figura 5, a entrevista narrativa foi realizada em ambiente virtual no dia 4 de maio de 2021. Foi verificado que ela possui memórias afetivas de sua infância enquanto ouvinte das histórias orais, porém elas não apareceram em seu repertório. Assim como tantas outras mulheres negras, nordestinas e feirenses, a sua história de vida é marcada por muitas lutas e vitórias.

Fig. 6 — Captura de tela de Lourdes Santana concedendo-nos a entrevista narrativa



Fonte: Elaborada pelo autor (2021)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao unir o conteúdo das entrevistas narrativas com a tecnologia do site, o nosso trabalho realizado por meio da pesquisa científica *Cacimba de Histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia* proporcionou um importante retorno social, pois tornou acessível, à comunidade global conectada à internet, o conhecimento das histórias de vida e repertórios de contos de Dona Zeni e Lourdes Santana, mestras da tradição oral de Feira de Santana, no interior da Bahia.

Através da metodologia (auto)biográfica, das entrevistas narrativas e do nosso trabalho atento ao campo da tradição oral, a *Cacimba de Histórias* realizou um trabalho necessário de salvaguardar, na rede mundial de computadores, as memórias dessas e de

outras mestras que vivem no interior do estado. Ou seja, registrou, editou, transcreveu, catalogou e divulgou vestígios dos passados de duas senhoras que nasceram e cresceram em uma sociedade fundada primordialmente na oralidade, tudo isso no formato de pesquisa aberta.

Está confirmado que por meio da pesquisa científica apresentada neste artigo, contribuimos para a manutenção da tradição oral, especificamente a arte de narrar histórias; fortalecemos um coletivo de narradoras orais no interior do estado; estreitamos os laços entre a equipe de pesquisadoras do GEPPU/UEFS e as mestras da tradição entrevistadas; ampliamos o entendimento de que a cultura da Bahia é produzida na academia, pelas pessoas letradas, mas também fora dela, pelos mestres e mestras que guardam uma sabedoria de outra ordem; e alinhamos o conteúdo científico aos saberes populares.

Assim, os resultados aqui apresentados não só alimentam a pesquisa científica *Cacimba de Histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia* como também colaboram com continuidade dos trabalhos que contribuem para o fortalecimento dos estudos e das pesquisas da área da literatura oral e tradição oral que consideram relevantes as histórias de vida e os repertórios dos contos da tradição oral das pessoas narradoras tradicionais, especialmente do interior da Bahia.

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, D. 2000. A pesquisa em literatura oral na UFBA: percursos e perspectivas. Anais do II Encontro de História Oral do Nordeste, Salvador -BA. (Do oral ao escrito 500 anos de história do Brasil. Salvador: Editora da UNEB, 2000. p. 134-139).

BRASIL. Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-nordeste/hujb-ufcg/comunicacao/noticias/parto-seguro>>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velho*. e. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BUENO, Belmira Oliveira. *O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

CARVALHO, M. E. 2012. História oral x tradição oral: uma experiência com crianças afro-brasileiras. *Anais IV FIPED*. Campina Grande: Realize Editora.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. 13. ed. — São Paulo : Global, 2004.

COSTA, Carolina Veloso. As origens do gênero e o romance de tradição oral O cego. In: Seminário de Crítica Literária. 2014, Rio Grande do Sul. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<https://editora.pucrs.br/anais/seminario-critica-literaria/#/documents>>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

JOVCHELOVICH, S, Bauer MW. *Entrevista Narrativa*. IN: Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático: Petrópolis: Vozes; 2002, p. 90-113.

LARAIA, Roque de B. *Cultura: um conceito antropológico*. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1986.

OBSERVATÓRIO DE CONTAÇÃO. Transcrição de contos, com o Prof. Me. Rogério Soares Brito (UNEB). *YouTube*, s.d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VSADLJ4tydI>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

SANTOS, Luciene Souza; APOEMA, Keu. *Contação de histórias: seguindo o curso de suas águas*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2018.

VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. *Metodologia do trabalho científico: um enfoque didático da produção científica*. São Paulo: EPU, 2001.